

REVISTA MARACANAN

Dossiê

A circulação de saberes e representações dos negros na cultura escrita de João Ribeiro na modernidade

The circulation of knowledge and representations of blacks in João Ribeiro's written culture in modern times

Cristina Ferreira de Assis *

Universidade Estadual de Santa Cruz
Ilhéus, Bahia, Brasil.

Flávio Gonçalves dos Santos **

Universidade Estadual de Santa Cruz
Ilhéus, Bahia, Brasil.

Recebido em: 21 mai. 2021.

Aprovado em: 04 out. 2021.



O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES)

* Doutoranda em Educação na Universidade do Estado da Bahia (UNEB). Mestre em História pela Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC). (cristinaferreiraassis@gmail.com)

 <https://orcid.org/0000-0002-7365-6823>  <http://lattes.cnpq.br/2344216728826463>

** Professor Titular na Universidade Estadual de Santa Cruz. Coordenador do Programa de Pós-Graduação em História: Atlântico e Diáspora Africana. Doutor em História pela Universidade Federal Fluminense. Mestre e Licenciado pela Universidade Federal da Bahia. (fgsantos@uesc.br)

 <https://orcid.org/0000-0003-4241-8870>  <http://lattes.cnpq.br/2742558750792193>

Resumo

O presente artigo origina-se de uma pesquisa recém-concluída que buscou investigar as representações dos negros em livros didáticos de história publicados no pós-abolição. Defendida no sul da Bahia, a dissertação teve como um de seus objetivos específicos investigar as influências do Atlântico sobre a escrita dos autores brasileiros em suas narrativas, demonstrando a influência de outros intelectuais, a partir de suas relações de poder, por meio dos impressos. Deste modo, o recorte do presente trabalho objetiva apresentar a circulação de saberes entre intelectuais, culminados na produção de João Ribeiro em suas representações sobre os negros. Para isso, o trabalho em questão analisa enquanto fontes algumas das publicações de João Ribeiro, sendo elas: *História do Brasil*, de 1914, *Os africanos*, em 1929, e *O elemento negro* de 1933. Situando a pesquisa no campo da história cultural, parte-se da premissa de que a circulação de saberes entre os autores influenciou nas escolhas, assim como na elaboração de um dos primeiros livros escolares publicados no Brasil nas primeiras décadas do século XX acerca de aspectos como as questões étnicas, a cultura, a religiosidade, e a língua nacional. Nesse sentido, foram encontrados nos impressos diálogos entre João Ribeiro e outros intelectuais, tais, como: Nina Rodrigues, Silvio Romero, Fernando Ortiz, Arthur Ramos, Xavier Marques, Manoel Querino, Braz do Amaral, Léo Wiener, dentre outros. Dentre alguns dos resultados encontrados há o reconhecimento da diversidade de línguas africanas, assim como a identificação de palavras no vocabulário dos brasileiros da mesma origem, embora também fosse possível identificar diferenças entre a escrita de João Ribeiro na imprensa e para fins didáticos.

Palavras-chave: Negros. Livros didáticos. Saberes. Circulação. Impressos.

Abstract

This article originates from a recently completed research that sought to investigate the representations of blacks in history textbooks published in the post-abolition period. Defended in the south of Bahia, the dissertation had as one of its specific objectives to investigate the influences of the Atlantic on the writing of the Brazilian authors in their narratives, demonstrating the influence of other intellectuals, from their power relations, through the printed ones. In this way, the excerpt of the present work aims to present the circulation of knowledge among intellectuals, culminating in the production of João Ribeiro in his representations about blacks. To this end, the work in question analyzes as sources some of João Ribeiro's publications, namely: *História do Brasil*, 1914, *Os Africans*, 1929, and *O Negro element*, 1933. Situating research in the field of cultural history, it is based on the premise that the circulation of knowledge among authors influenced the choices, as well as in the elaboration of one of the first school books published in Brazil in the first decades of the twentieth century on aspects such as ethnic issues, culture, religiosity, and the national language. In this sense, dialogues between João Ribeiro and other intellectuals, such as Nina Rodrigues, Silvio Romero, Fernando Ortiz, Arthur Ramos, Xavier Marques, Manoel Querino, Braz do Amaral, Léo Wiener, among others, were found in the printed literature. Among some of the results found there is the recognition of the diversity of African languages, as well as the identification of words in the vocabulary of Brazilians of the same origin, although it was also possible to identify differences between João Ribeiro's writing in the press and for didactic purposes.

Keywords: Blacks. Textbooks. Knowledge. Circulation. Printed matter.

Introdução

A relevância de João Ribeiro para a escrita da história na condição de historiador e autor de livros didáticos de História já vem sendo demarcada na contemporaneidade por diversos trabalhos.¹ A originalidade desta proposta, entretanto, parte da circulação de saberes entre o intelectual em seus círculos de sociabilidade a partir dos impressos. Notadamente, os livros didáticos não se assemelham, em suas finalidades, a produção de impressos publicados em jornais. Destaca-se o primeiro enquanto instrumento vinculado às necessidades de manutenção da ordem social por meio da instrução pública, e o segundo enquanto espaço da esfera pública de divulgação de ideias. Acrescentamos ainda a relevância da cultura escrita para as nações modernas, especificamente o aumento da produção de livros escolares na América Portuguesa denota as significativas mudanças em prol da aproximação com as nações civilizadas. Por sua vez, a cultura escrita promove, a partir dos livros escolares, a difusão de saberes, ou seja, vai além da transposição de conteúdos ao instruir por meio práticas e prescrições, tornando-se eficiente na mobilização de ideias.²

Partimos da hipótese de que os impressos vinculados a grandes instituições como o Instituto Histórico e Geográfico brasileiro (IHGB), bem como a Academia Brasileira de Letras (ABL), nos finais do século XIX e início do XX, foram dispositivos que fizeram parte da homogeneização de uma sociedade com ares de modernidade, mas ainda com as dissidências do colonialismo em suas manifestações políticas, sociais e culturais. Seguindo na esteira de Mignolo, as ideias sobre modernidade e colonialidade confundem-se ao representar um padrão colonial de poder, estando por trás do moderno as ideias de salvação e progresso justificadas pela violência da colonialidade. Nesse sentido, indagamos: quais fontes foram utilizadas pelo historiador João Ribeiro na escrita de seu livro *História do Brasil*? Qual o seu posicionamento

¹ PINA, Maria Cristina Dantas. *A escravidão no livro didático de história do Brasil: dois autores exemplares, 1890-1930*. 2009. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas. RODRIGUES, Elvis Hahn. *Entre as raças e o território: os projetos de nação na história do Brasil de João Ribeiro*. 2011. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora.

² CHOPPIN, Alain. História dos livros e das edições didáticas: sobre o estado da arte. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v.30, n.3, p.549-566, 2004. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ep/a/GNrkGpgQnmdcxwKQ4VDTgNQ/?lang=pt&format=pdf> Acesso em: 20 jun. 2020.

político perante a migração violenta dos povos diaspóricos? De que forma, ele se articulou a outros autores nesse controverso debate durante a Primeira República?

Dito isso, o objetivo deste trabalho limita-se a investigar a circulação de saberes entre intelectuais no que tange à representação dos negros através da escrita de João Ribeiro. Assim, será possível evidenciar as relações de sociabilidade com outros atores durante a escrita da história brasileira. A categoria de intelectuais nesse estudo é compreendida a partir do diálogo com Sirinelli³ referindo-se aos “fenômenos de circulação das ideias emitidas e das ideologias forjadas ou difundidas”. Interessa para esta análise, em articulação com as abordagens das representações coletivas, ir além das “grandes correntes de pensamento”, indagando a circulação de ideias e sua articulação com outros pensamentos, grupos, percepções individuais e coletivas.

Como procedimento metodológico a ser empregado, demarca-se inicialmente a busca pelos livros didáticos de João Ribeiro encontrados no Laboratório de Ensino e Material Didático da Universidade de São Paulo (LEMAD-USP) concentrando-se na edição de 1914 de *História do Brasil*. Em seguida, foram encontrados textos do autor em diversos jornais, a exemplo de *Os africanos*, publicado pela ABL em 1929, além da reunião de seus textos compilados em *O elemento negro* de 1933, sendo essa uma edição póstuma. A razão para as seleções ampara-se nas menções e referências citadas por João Ribeiro a outros autores com os quais teria trocado ideias em diferentes momentos acerca das línguas e culturas africanas. Nossa motivação se fortaleceu quando se evidenciou que o interesse do autor pela história dos negros não se via demonstrado nas edições de seus livros didáticos. Por outro lado, convidamos o leitor a pensar nos interesses editoriais por trás da publicação e circulação de obras que serviram como referência aos estudantes e professores de todo o país, assim como nas razões do Estado em sua prescrição e autorização. Não é pretensão desse trabalho esgotar a análise dessas fontes, mas identificar lacunas entre elas, pensando ainda no contexto em que foram publicadas e no público para o qual elas foram direcionadas. Ao trabalhar com impressos, optamos pelas concepções chartianas, atentando-se ainda aos limites da apropriação dos saberes que circularam nesses impressos e sua contribuição para a formação social brasileira. Na história do livro, há dois grandes modelos interpretativos, o primeiro se relaciona ao modo de “apropriação” e “recepção das obras” e a forma como são lidas pelas diferentes sociedades.⁴

Ao versar sobre os discursos presentes nos impressos, isto é, a partir de Certeau,⁵ verifica-se que a produção do sentido em uma narrativa, é indissociável do seu lugar e de um objeto: o lugar é, através dos procedimentos, o ato presente desta produção e a *situação* que

³ SIRINELLI, Jean-François. Este século tinha sessenta anos: a França dos anos sessenta revisitada. *Revista Tempo*, Rio de Janeiro, v.8, n.16, p. 13-33, 2004, p.2. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?> Acesso em: 20 jun. 2021.

⁴ CHARTIER, Roger. *A força das representações: história e ficção*. (org.) ROCHA. João Cezar de Castro. Santa Catarina: Argos, 2011.

⁵ CERTEAU, Michel de. *A Escrita da História*. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1982.

no momento o torna possível, determinando-o; o objeto remete-se as condições nas quais tal ou qual sociedade deu a si mesma um sentido através de um trabalho determinado. Nesse sentido, há que atentar para os desvios entre os escritos de Ribeiro partindo-se dos lugares sociais em que suas narrativas foram construídas.

A leitura a seguir está estruturada da seguinte forma: em um primeiro momento, apresenta-se brevemente o intelectual João Ribeiro, assim como os escritos responsáveis pelo seu reconhecimento enquanto historiador e linguista, e os espaços institucionais onde ele esteve inserido. Em seguida, articulam-se os impressos de João Ribeiro, ressaltando-se especificamente a circulação de saberes entre ele e outros intelectuais, além de indicar expressões destes e suas ausências em seu livro didático *História do Brasil*.

João Ribeiro: saberes produzidos e difundidos entre Império e República

A história desse sergipano inicia-se em 1860, embora sua entrada no cenário cultural e intelectual do Império brasileiro ocorra no Rio de Janeiro. Na contemporaneidade, tornou-se um dos autores de livros didáticos mais investigados, segundo Pina⁶, Rodrigues⁷ e Hansen⁸. Matriculou-se na Faculdade de Medicina da Bahia onde não encontrou sua vocação e foi para o Rio de Janeiro matricular-se na Escola Politécnica. Em 1894 concluiu o curso de Ciências Jurídicas e Sociais na Faculdade do Rio de Janeiro. O trabalho de Rodrigues⁹, entretanto, destaca lacunas em sua trajetória que limitam a explicação de seu crescimento e reconhecimento enquanto intelectual.

No âmbito de efervescência das ideias republicanas, João Ribeiro se lança por nos impressos discutindo sobre a língua, literatura e a identidade ¹⁰ brasileira. Entre o final do século XIX e início do XX, o autor se consolidaria escrevendo em jornais, como: *O Globo* (1881) de Quintino de Bocaiúva, *Correio do Povo* e *O Paiz* (1889), *Correio da Manhã* (1903), *o Imparcial* (1912) e a *Gazeta de Notícias* (1923). Também escreveu ao lado de Silvio Romero na *Revista Sul-Americana*. No jornal *Época* (1887-1888) o intelectual adotaria diversos

⁶ PINA, Maria Cristina Dantas. *A escravidão no livro didático... Op. cit.*

⁷ RODRIGUES, Elvis Hahn. *Entre as raças... Op. cit.*

⁸ HANSEN, Patrícia Santos. João Ribeiro, Historiador. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, Rio de Janeiro, v. 454, p. 183-208, 2012. Disponível em: <https://ihgb.org.br/revista-eletronica/artigos-454/item/108287-joao-ribeiro-historiador.html>. Acesso em 31/01/2020 Acesso em: 20 jun. 2021.

⁹ RODRIGUES, Rogério. Traços biográficos de João Ribeiro ou as muitas faces de João Viva a São João. *Revista de História*, São Paulo, v.32, n.1, p. 377- 400, 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/his/a/tH94v4LkRYwPk9xdGPMnBXv/?lang=pt&format=pdf> Acesso em: 20 jun. 2021.

¹⁰ Seguimos na direção apontada por Hall considerando que as identidades surgem de um "sistema de representação" para evidenciar as diferenças nas relações entre europeus e ocidentais e "os outros". Contudo, identidades são construídas através de discursos e práticas culturais que ultrapassam essa dicotomia. Cf.: HALL, Stuart. O ocidente e o resto: discurso e poder. *Projeto História*, São Paulo, n. 56, 2016, p. 318.

pseudônimos: Xico-Late, Y., N., Nereu. Em 1888-1889 esteve no *Correio do Povo*, com o seu "Através da semana", onde assinava com as suas iniciais e também sob pseudônimo (ABL, 2020). Escrevia ainda para *A Semana*, de Valentim de Magalhães, ao lado de Machado de Assis, Lúcio de Mendonça e Rodrigo Otávio, entre outros onde publicou os artigos que constituiriam os seus *Estudos filológicos* (1902). Em 1927 substituiria Osório Duque Estrada na coluna de crítica literária do *Jornal do Brasil*.¹¹ Além disso, conviveu com personalidades importantes, como Quintino Bocaiúva, José do Patrocínio e Alcindo Guanabara,¹² mas foi em 1885, na secretaria da Biblioteca Nacional, que ele receberia o convite de Francisco Alves para escrever uma gramática voltada para os segmentos da educação.

No campo educacional sua carreira teria início no Colégio Pedro II em 1890. Após as mudanças curriculares a partir da Reforma Benjamim Constant (1891), ele ocuparia o cargo de professor de História Universal. Em 1901 sendo extinta a cadeira de História do Brasil, inaugurada por Joaquim Manoel de Macedo e ocupada por Capistrano de Abreu, a cadeira de História Universal especialmente do Brasil despertaria a reação adversa de muitos intelectuais ligados ao IHGB. Dentre eles, estavam: Joaquim Manuel de Macedo, Gonçalves de Magalhães, Araripe Júnior, Capistrano de Abreu, Sílvio Romero, José Veríssimo, Carlos de Laet, Max Fleuiss, o Barão do Rio Branco, entre outros.

Além de membro da ABL e do IHGB, Ribeiro também fez parte dos Institutos Históricos e Geográficos do Rio de Janeiro, de São Paulo e de Sergipe, e da Academia de Letras de Sergipe, além da Academia das Ciências de Lisboa.¹³ Nas instituições, se articulou com políticos e também estabeleceu parceria com um dos mais polêmicos e politizados intelectuais do seu tempo, Sílvio Romero, que ao ler sua coletânea de poesias, os *Idílios modernos*, publicou sobre eles na *Revista Brasileira* (tomo IX, 1881). Segundo Hansen, as novas gerações de intelectuais, assim como a promoção de uma nova escrita da história, reduziu o espaço ocupado pelo IHGB na condição de instituição provedora do saber histórico.¹⁴ Assim, a escrita histórica ganhou espaço nos periódicos alternando a divulgação de saberes a partir de um novo veículo.

Em seu ingresso no IHGB, em 1913, o relator da Comissão de Admissão de sócios do instituto teria dito

Coube ao Sr. João Ribeiro oferecer-nos uma vista de conjunto da civilização brasileira, num compêndio ginásial que instrui a adolescência e orienta os historiadores provectoros. Para os primeiros, simplifica os fatos, selecionando-os e sintetizando-os; para os segundos, extrai da marcha geral da civilização, nesta

¹¹ RODRIGUES, Rogério. Traços biográficos de João Ribeiro ou as muitas faces de João Viva a São João. *Revista de História. Op. cit.*

¹² ABL, 2020.

¹³ *Idem.*

¹⁴ HANSEN, Patrícia Santos. João Ribeiro, Historiador. *Revista do Instituto Histórico... Op. cit.*

parte da América, elementos para interpretar os acontecimentos, e para mais proveitosamente dirigir as suas investigações.¹⁵

As palavras de Manuel Cícero nos remetem a refletir sobre o lugar e a função da obra de João Ribeiro na instrução pública em prol do avanço da civilização brasileira. Demarca-se aqui a função de uma história pedagógica que se destoa da antiga história *magistra vitae*, isto é, os saberes através da escrita do autor deveriam conduzir o despertar dos brasileiros rumo ao progresso. Nesse sentido, é oportuno desassociar o papel de pesquisador da História enquanto ciência do papel de homem das letras, assim como diferenciar o saber historiográfico do saber histórico a ser ensinado. Ainda que em ambos os casos, tais papéis possam estar reunidos.

O primeiro manual de Ribeiro foi *História Antiga: Oriente e Grécia*, publicado em 1892 pela Livraria Alves, embora seu reconhecimento enquanto historiador só se daria a partir da edição de *História do Brasil* publicado em 1900, pela Livraria Cruz Coutinho, propriedade da editora Jacintho Ribeiro dos Santos. Além disso, *História Universal* seria elaborada em 1918, a partir do programa curricular do Colégio Pedro II, e *História da Civilização* em 1932. Em sua maioria, seus manuais foram lançados pelas editoras Francisco Alves ou Jacintho Ribeiro dos Santos.

O contato com outros intelectuais, saberes e outras redes de sociabilidade podem ser evidenciados a partir da troca de correspondências nos períodos em que esteve fora do Brasil. Desde 1895, João Ribeiro entraria em contato com os países europeus demonstrando um apreço especial pela civilização alemã. Não se podem definir ou esgotar as fontes, ou arquivos utilizados pelo autor em suas viagens pelo Atlântico, mas é possível se aproximar de seu imaginário a partir de outros escritos e das trocas de correspondências com intelectuais no Brasil, a exemplo da correspondência¹⁶ direcionada ao amigo Lucio Mendonça: "Quero voltar alemão e disciplinado".¹⁷

Em sua escrita da história, havia grande admiração por autores, como Southey, Armitage, Von Martius e Varnhagen, embora assumidamente Ribeiro enfatizasse a participação dos grupos e expressões populares nas narrativas. Assim, ao se afastar dos pressupostos da história política, seus livros tendem a considerar a formação do povo brasileiro, assim como os principais traços de sua coletividade:

¹⁵ O trabalho de Patrícia Hansen remete-se as palavras do relator Manuel Cícero à Comissão de Admissão de Sócios do IHGB. "Atas das sessões realizadas em 1913". In: Revista do Instituto Histórico. Tomo 76, 2.ª parte, vol. 128. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1913, pp. 626-627. Cf.: CÍCERO apud HANSEN, Patrícia Santos. João Ribeiro, Historiador. *Revista do Instituto Histórico... Op. cit.*, p.185.

¹⁶ As correspondências trocadas entre João Ribeiro e outros intelectuais, tais como Mucio Leão e Graça Aranha, manifestam as decepções do intelectual com a República no período em que esteve fora do Brasil demonstrando, inclusive, seu pedido de permanência no exterior. Ver mais em: RODRIGUES, Rogério. Traços biográficos de João Ribeiro ou as muitas faces de João Viva a São João. *Revista de História*, São Paulo, v.32, n.1, p. 377- 400, 2013.

¹⁷ RIBEIRO apud RODRIGUES, Rogério. Traços biográficos de João Ribeiro ou as muitas faces de João Viva a São João. *Revista de História. Op. cit.* p.389.

Cada brasileiro procurou nos recursos ao seu alcance, um meio de comemorar o 4º centenário do Brasil. Uma das manifestações de maior vulto foi, com certeza, aquela que João Ribeiro arrancou ao seu talento e ao seu estudo. Professor de história do Brasil do Gymnasio Nacional, preparou com cuidado um trabalho destinado à mocidade, ou melhor, destinado ao serviço da pátria, pois no estudo da história de um povo reside o segredo de sua força, de sua nobreza e de seu futuro. O merecimento da obra é incontestável. Moldado em novas formas, obedecendo a uma orientação superior, o livro de João Ribeiro é de grande utilidade para os estudantes, aos quais recommendamos.¹⁸

Os elogios à 1ª edição de *História do Brasil*, na comemoração do 4º centenário da “descoberta” do Brasil corroboram para compreensão de seu êxito e da boa aceitação não apenas do público, como dos programas curriculares. Estima-se que o livro circularia até 1960 com 17 edições, demonstrando-se assim as permanências da sua escrita na formação cultural e educacional brasileira. Mas, como João Ribeiro se articulava com outros intelectuais no sentido de apropriação de suas ideias e saberes na composição de suas obras? Quais saberes podem ser encontrados em sua escrita?

Circulação de saberes e a representação dos negros a partir dos impressos de João Ribeiro

Correspondendo as indagações acima, essa investigação se lançou aos acervos da ABL e do IHGB, buscando evidenciar a circulação de ideias entre intelectuais, problematizando as representações dos negros na escrita de João Ribeiro. Considera-se, a partir da leitura de Chartier,¹⁹ que a apropriação vincula-se às interpretações inscritas nas práticas específicas que as produzem, contudo, há que se pensar nos desvios e tensões inerentes aos grupos e instituições nos quais João Ribeiro esteve inserido, o que implica em romper com as homogeneidades em seu pensamento social perante seus pares.

Consideradas as narrativas publicadas por Ribeiro, a leitura a seguir se debruça inicialmente em retratar as origens e a chegada dos africanos ao Brasil e, por conseguinte, a fusão de raças²⁰ e suas consequências para o desenvolvimento da civilização brasileira. Em seguida, retratam-se as representações da cultura e das linguagens africanas, apontando seus reflexos na formação identitária brasileira. Por fim, ressaltamos a posição do autor e suas contradições acerca da transição entre Império e República e os desafios para o almejado progresso brasileiro.

¹⁸ GAZETA DE NOTÍCIAS, 1900, n.2

¹⁹ CHARTIER, Roger. *A força das representações... Op. cit.*

²⁰ Há uma extensa e necessária discussão sobre raça e identidade entre os pensadores sociais na formação brasileira nas primeiras décadas da República. Parte dessa leitura pode ser encontrada na dissertação originária desse artigo, bem como em nossas referências, como Guimarães que compreende que o debate racial não pode ser desvinculado de sua importância sociológica. Cf.: GUIMARÃES, Antônio Sérgio Alfredo. A democracia racial revisitada. *Afro-Ásia*, Bahia, n. 60, p. 9-44, 2019.

Ribeiro se tornaria, ao lado de Macedo Soares, um dos primeiros autores a se interessar pelas origens e pela cultura dos africanos, segundo Nina Rodrigues: “ao que é justo acrescentar: e os bons trabalhos, infelizmente também reduzidos, do próprio João Ribeiro”.²¹ O reconhecimento pelos trabalhos de Ribeiro e Macedo Soares se remete ao papel que ambos teriam desenvolvido no Colégio Pedro II, mas a percepção do sergipano sobre a diversidade de línguas e culturas africanas começara a ser preconizada em 1889 com a publicação de seu *Dicionário Gramatical* onde assinalava que iria “tratar apenas da influência extensíssima do ambundo (quimbundo), língua de Angola e do Congo, por falta de outros documentos especializados”.²² Nesse contexto intelectual onde eram discutidas as teorias acerca da miscigenação,²³ as definições presentes no dicionário compactuavam para a produção de uma narrativa homogeneizada acerca das raças e da linguagem brasileira.

Sua percepção acerca da ausência de uma unidade étnica também pode ser encontrada na publicação do então livro voltado para o saber escolar, onde ele indicava que na contra-costa oriental havia a captura dos grandes negros: “de compleição fortíssima e pelle escura, os cácimbo, os Xexys (Gêges) e os Xingas ou Gingas”²⁴ que, embarcados em S. Filipe de Benguela ou em Novo Redondo, vinham para qualquer destino da América. Embora a descrição indique a diversidade de regiões africanas, incluindo-se suas diferentes linguagens - configurando-se em um impedimento já reconhecido para a formação de uma identidade africana - o discurso não aponta o reconhecimento dessas destoações no decurso do livro didático.

Ribeiro buscou em Varnhagen, conhecer as origens dos negros no Brasil afirmando que: “[...] igualmente ocorria em Luanda, de onde vinham os escravos da Angola que, em geral, eram oriundos das nações dos “Ausazes, Bembas, Gingas e Tembas”²⁵ e que já conheciam a língua portuguesa, com exceção dos primeiros, além de serem dóceis e de boa índole. Logo, os navios eram ancorados no Golfo de Cabinda, onde recebiam os escravos dessas regiões. No Brasil, foram chamados de Congos e Cabindas e foram considerados inferiores aos demais supracitados, sendo então preferidos para o serviço doméstico:

Os mais conhecidos dos negros no Brasil, diz Varnhagen, eram os provindos de Guiné (em cujo numero se compreendiam berberes, jalofos, felupos, mandingas) do Congo, de Moçambique e da Costa de Mina d’onde eram o maior numero dos que entravam na Bahia, que ficava fronteira e de mui facil navegação; motivo por

²¹ RODRIGUES, Raimundo Nina. *Os africanos no Brasil* [1932]. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2010. p.191.

²² RIBEIRO, João *Diccionario Grammatical*. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 3 ed, 1906, n.p.

²³ “Raça” e “miscigenação” serão atribuídas à identidade durante a formação da nacionalidade brasileira entre 1910 e 1920 Cf.: COSTA, Jean Carlo de Carvalho. *Nação, raça e miscigenação no Brasil moderno: uma análise hermenêutica dos ensaístas da formação da nacionalidade brasileira, 1888-1928*. 2003. Tese (Doutorado em Sociologia), Programa de Pós-Graduação em Sociologia. Recife.

²⁴ RIBEIRO, João. *História do Brasil* (curso superior). Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 5. ed. revista e melhorada, 1914, p. 246.

²⁵ *Ibidem*, p. 247.

que nesta cidade tantos escravos aprendiam menos o português, entendendo-se uns com outros em magro (língua Yoruba).²⁶

Esse mapeamento seria utilizado pelo africanólogo Nina Rodrigues em *Os africanos no Brasil* ao afirmar: “penso que todos ou quase todos os negros do Brasil são do grupo Bantú”, fazendo apenas uma concessão: “não há a menor dúvida que quando começou o tráfico (para Portugal e Espanha) os primeiros negros deveriam ser do grupo do centro, proximidades de Cabo Verde”.²⁷

Sob a denominação de *Elemento negro* designamos toda a espécie de alterações produzidas na linguagem brasileira por influência das línguas africanas faladas no Brasil. Essas alterações não são tão superficiais como afirmam alguns estudiosos: ao contrário são bastante profundas, não só no que diz respeito ao vocabulário, mas até ao sistema gramatical do idioma.²⁸

Ainda sobre a chegada dos africanos em solo americano, Ribeiro buscou no africanólogo Léo Wiener a hipótese de que teria “havido em épocas precolombianas incursões de povos negro-africanos navegadores na América”.²⁹ Já ao reunir saberes acerca dos costumes africanos, Ribeiro mencionara os papéis de Macedo Soares que em 1880 escrevera *Sobre algumas palavras africanas introduzidas no português que se fala no Brasil* já reconhecendo a presença de vocábulos africanos no Brasil, embora essa fosse menor que a presença dos indígenas, além de Nina Rodrigues, Manuel Quirino e Braz do Amaral, somados aos ensinamentos de Teófilo das Neves Leão que, segundo ele, foi “amamentado por uma mucama e sabia e falava a língua yoruba ou nago”.³⁰

Na era da independência não acariciávamos senão o orgulho da estirpe indiana: os Souzas e os Silvas mazombos ou mulatos crismaram-se Utinguaçus e Paramopamas... Os pereiras, lançando a barra mais longe, fizeram-se Montezumas e Guatimozins. Não é provável que haja uma idade áurea dos pretos, nem qualquer veleidade cafrial no futuro. Como quer que seja, uma das grandes falhas no estudo do homem brasileiro, sob seus aspectos antropológicos e etnicos, está no desdém pelo negro.³¹

Ainda que se interessasse pelas origens africanas nos respectivos impressos, João Ribeiro, afirmava em sua narrativa didática que a obra da civilização havia sido deturpada pelo conflito de raças, “disfarçado em democracia, fruto antes da luxúria que da piedade dos peninsulares”. E continuava, ao dizer que o “contacto das raças inferiores com as que são cultas,

²⁶ RIBEIRO, João. *História do Brasil...Op. cit.*, p.247.

²⁷ RODRIGUES, Raimundo Nina. *Os africanos no Brasil. Op. cit.* p.190.

²⁸ RIBEIRO apud RODRIGUES, Raimundo Nina. *Os africanos no Brasil. Op. cit.* p.135.

²⁹ RIBEIRO, João. *O elemento negro: História, folclore, linguística*. Rio de Janeiro, RJ: Editora Record, 1933, p. 12-13.

³⁰ RIBEIRO, João. Os africanos. *Revista da Academia Brasileira de Letras*, v. XXX, n. 90, p. 188-197, 1929, p.1.

³¹ *Ibidem*, p. 1.

quasi sempre desmoraliza e deprava a umas e outras". Deste modo, Ribeiro se lançava em meio à disputa de narrativas acerca da miscigenação dirigindo-se a professores e alunos. Esse debate, entretanto, parece assumir outra tonalidade se observado seu posicionamento em seguida.

Considerando o que chamou de "mácula" Ribeiro entendia que ao desfazê-la, cabia-nos estudá-la objetivamente afirmando ainda o que chamou de "nudez inqualificável" ao se referir aos conhecimentos linguísticos, alimentares, literários e agrícolas acerca da "raça que fertilizou as terras, criou as primeiras culturas, com o suor e sangue de milhões de homens".³² Assim, referindo-se a miscigenação, o intelectual considerava haver no Brasil "uma tríplice origem da raça, pois que é ela, de modo geral, uma descendência mesclada do índio, do negro e do homem branco", mas afirmara que um "terror secreto nos faz todos brancos, e esse mesmo pavor nos inibe da preocupação do índio e principalmente do negro" e que apenas o tempo seria responsável pela "perspectiva da imparcialidade".³³ Neste impresso, ele ressaltara ainda uma variedade de nomes relevantes dos quais se apropriou ou compactuou ao dissertar sobre essa temática.

Já em sua obra didática, Ribeiro justificara a chegada dos africanos ao Brasil mencionando a "cobiça negra" e a troca de africanos por "cachaça e facões de aço", descrevendo as condições do tráfico e às vezes com a chegada do "mal de Luanda, o sarampão", prontos para serem vendidos. Comovido com os horrores denunciados, João Ribeiro cita Castro Alves: "Legiões de homens negros como a noite horrendos a dançar. E ri-se a orchestra ironica e estridente... E da ronda phantastica a serpente faz doudas espiraes. Qual num sonho dantesco, as sombras voam... Gritos, ais, maldições, preces resoam...".³⁴ Além de Castro Alves, Ribeiro teria contato com outros abolicionistas, como: José do Patrocínio, Joaquim Nabuco, dentre outros. Contudo, se por um lado, os trechos supramencionados são uma espécie de denúncia, por outro, o Brasil é apontado como um refúgio para os africanos perante a selvageria do continente africano:

Não é nosso intento fazer a apologia da escravidão, cujos horrores principalmente macularam o homem branco e sobre elle recaíram. Mas, a escravidão no Brasil foi para os negros a reabilitação d'elles proprios e trouxe uma patria, a paz e a liberdade e outros bens e paes e jamais lograriam gozar, ou sequer entrever no seio bárbaro da Africa. ³⁵

No diálogo com Seyferth³⁶ essas representações de uma África bárbara e incivilizada corroboram com expressões como "não voltar à África", "limpar a raça", se remetendo aos

³² RIBEIRO, João. Os africanos. *Revista da Academia Brasileira...* Op. cit. p.1.

³³ *Idem*.

³⁴ ALVES apud RIBEIRO, João. *História do Brasil* (curso superior). Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 5. ed. revista e melhorada, 1914, p. 251.

³⁵ *Ibidem*, p. 244-245.

³⁶ SEYFERTH, Giralda. A invenção da raça e o poder discricionário dos estereótipos. *Anuário Antropológico*, Brasília, v.18, n.1, p. 175-203, 2018. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/anuarioantropologico/article/view/6581> Acesso em: 20 jun. 2020.

inegáveis símbolos dos conteúdos racistas, em suas identidades estigmatizadas e negativizadas. Por isso, a chegada dos africanos ao Brasil seria a expressão de benfeitoria e progresso: “[...] d’aqui em diante, a vida dos negros regulariza-se, a saúde refaz-se e com ella a alegria da vida e a gratidão pelos novos senhores, aqui melhores que os da Africa e os do mar”.³⁷ Ao justificar as benfeitorias dos brasileiros, Ribeiro tece comparações ao modelo de escravização da América do Norte:

A propria afinidade de raça, entre os negros, fazia-os reunir em sociedades, onde, revivendo os costumes africanos, tinham reis e vassallos e exerciam auctoridade uns sobre os outros, até o limite que a civilização dos brancos permitia. Essas associações, que existiam no Brasil como no Haiti, foram sempre impossiveis na America do Norte, onde o negro, mesmo depois de livre, vive segregado e não merece consideração social em grao de qualquer natureza [...]. Aqui escolhiam sempre um dia de festa, com permissão dos senhores, para celebrar a coroação do Rei do Congo, festa que elles faziam coincidir e confundir com a catholica dos Tres Reis; celebravam então a chegada, com a simulação de navios de guerra e fortins portuguezes; e para esse apparatus os senhores offerciam recursos.³⁸

A afabilidade, bem como a harmonia brasileira, destacada pela benevolência dos senhores brancos, vincula-se ao que Stuart Hall³⁹ chamou de aparato teórico para apresentar como os ocidentais impuseram esse discurso por meio da ideologia. A “afinidade por raça” e as reuniões permitidas pela “civilização dos brancos” impõem a reflexão sobre o lugar de subalternidade no qual os negros foram sujeitos, ressaltando-se ainda o lado cristão dos ocidentais modernos.

A classificação e contribuição das três raças, particular ao Brasil, ocupa o lugar inicial no livro didático de *História do Brasil*, assim como na escrita de Von Martius.⁴⁰ Considera-se, entretanto, a complexidade dos usos de palavras como influência ou contribuição, haja vista que sugerem a exterioridade, ou seja, aquilo que está do lado de fora, às margens, e assim, não poderá ser considerado parte do todo.

Ao contrário, nas suas feições e physionomia própria, o Brasil, o que elle é, deriva do colono, do jesuíta e do mameluco, da acção dos índios e dos escravos negros. Esses foram os que descobriram as minas, instituíram a criação do gado e a agricultura, catechisaram longinquas tribus, levando assim a circulação da vida por toda a parte até os últimos confins. Esta historia a que não faltam episodios sublimes ou terriveis, é ainda hoje a mesma presente, na sua vida interior, nas suas raças e nos seus systemas de trabalho que podemos a todo instante verificar. Dei-lhe por isso uma grande parte e uma consideração que não é costume haver por ella, neste meu livro.⁴¹

³⁷ RIBEIRO, João. *História do Brasil... Op. cit.* p. 252.

³⁸ *Ibidem*, p. 253.

³⁹ HALL, Stuart. O ocidente e o resto... *Op. cit.*

⁴⁰ PINA, Maria Cristina Dantas. *Op. cit.*

⁴¹ RIBEIRO, João. *História do Brasil... Op. cit.* p.22.00

Ainda que a narrativa contida no livro repudiasse as atrocidades do tráfico de escravizados e as condições insalubres nas quais eles chegavam ao Brasil, Ribeiro se aproximara de Nina Rodrigues ao temer a depreciação das raças em prol da miscigenação:

A fusão das raças branca, negra e vermelha traduz-se em vários typos de cruzamento (mameluco, mulato, cafuso) branco-índio, branco-negro, índio-negro, e tanto nas raças como nos costumes e na linguagem que se apropriou de vocábulos africanos e indígenas. Os colonos, porém, dentro em pouco conheceram o perigo de tanta confusão. A sociedade mesclada, incapaz de unir-se, logo se enfraquece e se corrompe.⁴²

Mais do que a representação de uma unidade idêntica e naturalmente constituída, a identidade emerge como um produto da marcação da diferença e da exclusão.⁴³ Por sua vez, o sentimento de unidade "ocidental" que as identidades proclamam, na verdade, se constituem no interior do jogo do poder e da exclusão. Ao final do fragmento acima há uma clara alusão à ideia negativa, cuja discussão remete-se a substituição da ideia da eugenia pela mestiçagem.

Seguindo na direção apontada por Moura⁴⁴ autores considerados mais modernos teriam inaugurado uma fase onde o racismo era justificado por científicismos, iniciando-se com a obra de *História do Brasil* de João Ribeiro em 1900 e terminando com a publicação de *Populações meridionais do Brasil*, em 1920, por Oliveira Viana. Em contrapartida, Manoel Bomfim e Alberto Torres seriam os intelectuais a realizarem os trabalhos mais importantes em suas contribuições sociológicas que não acompanharam a tendência geral da historiografia ao ver o negro como passivo e biologicamente inferior como cidadão. O impedimento ao avanço da civilização ocasionado pela "fusão de raças", apontado por João Ribeiro, também se vincula a Von Martius que se questionava se o desenvolvimento brasileiro teria sido diferente caso não houvesse a introdução de negros escravizados. A resposta viria apenas com Gilberto Freyre, na década de 1930, com a famigerada "harmonia" da democracia racial.⁴⁵ Contudo, Guimarães⁴⁶ questiona a real apropriação da "democracia racial" entre os intelectuais brasileiros. Segundo ele, o senso comum de que as sociedades mestiças como as da América Latina eram menos aristocráticas e mais democráticas, destoava-se da democracia racial imaginada por Freyre. Ainda que ultrapasse o recorte temporal desse artigo, os estudos culturalistas dos anos 1930, tais quais os de Freyre, assim como de Arthur Ramos perderam ênfase com a ascensão de novos líderes e intelectuais negros. Entre as décadas de 1940 e 1950, há um deslocamento de sentido em

⁴² *Op. cit.*, p.80.

⁴³ HALL, Stuart. O ocidente e o resto... *Op. cit.*

⁴⁴ MOURA, Clóvis. *As injustiças de Clío: o negro na historiografia brasileira*. Belo Horizonte: Nossa Terra, 1990.

⁴⁵ O período modernista entre 1920 e 1930 revisitará o conceito de raça na formação da nacionalidade brasileira revestindo-o na ideia da miscigenação na formulação de uma nova consciência nacional. Cf.: COSTA, Jean Carlo de Carvalho. *Nação, raça e miscigenação ... Op.cit.*, p.79.

⁴⁶ GUIMARÃES, Antônio Sérgio Alfredo. A democracia racial revisitada. *Afro-Ásia... Op. cit.* p.11.

contraposição à “democracia racial”, a exemplo de Guerreiro Ramos, inaugurando uma nova geração de pensadores na relação entre raça e nação.

Há pontos em comum entre João Ribeiro e os autores supracitados no que tange à miscigenação. No capítulo intitulado *As três raças. A sociedade*, Ribeiro tece considerações sobre a obra da civilização deturpada pelo conflito de raças, disfarçado em democracia:

[...] fructo antes da luxuria que da piedade dos peninsulares [...]. O contacto das raças inferiores com as que são mais cultas quase sempre desmoraliza e deprava a umas e outras. Principalmente, porém, deprava as inferiores pela oppressão que soffrem, sem que este seja o peor dos contágios que vem a supportar [...]. É claro que negros e índios, não poderiam ser senão a occasião de desdém e de ódios que gera o escarneio dos superiores. A mulher de raça inferior não consegue ser dignificada nem mesmo depois de formada a raça mestiça. O proprio governo considerou por vezes uma infamia o casamento promíscuo de brancos e negros [...]. Entre raças diversas toda a mistura por assim dizer se torna em combinação; taes contactos destroem a humanidade no homem. Nada escapa á distribuição do mal que a sociedade gera e espalha por todos os escaninhos onde a sua seiva circula.⁴⁷

As implicações apontadas como negativas para o desenvolvimento civilizacional brasileiro permanecem no capítulo seguinte, em *Tentativa de unidade*, quando João Ribeiro descreve brancos, índios, negros, em sua participação na formação brasileira se perguntando: “como poderá fundar-se a ordem civil sem a possibilidade de fundar-se a família?”.⁴⁸ Aqui encontramos a representação caracterizada por Ribeiro: “o branco intelligente, mas avido e atroz, o negro martyrizado e servil e o índio altivo, mas indolente, são os tres elementos d’onde vae sair a nacionalidade”.⁴⁹ Em ambos os trechos selecionados, identifica-se por meio de “ordem civil” e “nacionalidade” aspectos acerca da iniciativa em criar elementos para a história na nação brasileira. Reitera-se ainda a representação dos negros vinculada a mão de obra, isto é, ao trabalho servil, reforçada nesse excerto: “O negro, o fructo da escravidão africana, foi o verdadeiro elemento creador da paiz e quasi o unico. Sem elle, a colonização seria impossivel, ao menos ao dissipar-se a illusão do ouro e das pedras preciosas que alevantavam, em grande parte e a princípio, os primeiros colonos”.⁵⁰

A narrativa de João Ribeiro, embora com muitas aproximações de intelectuais que se contrapunham, a exemplo de Silvio Romero e Nina Rodrigues, apresentava a conservação dos mais aptos hereditariamente de forma que no sertão poderia se identificar a evolução a partir da mistura entre brancos e índios. Desta forma, ao descrever a Guerra de Canudos no interior da Bahia entre 1896-1897, ele afirma que:

⁴⁷ RIBEIRO, João. *História do Brasil... Op. cit.* p.111-112.

⁴⁸ *Idem.*

⁴⁹ *Ibidem*, p.116.

⁵⁰ *Ibidem*, p.115.

o *typo ethnico* é mais puro e superior ao do litoral de hoje, quase de todo ainda ennegrecido pela escravidão africana [...]. Desconfiam da civilização e do litoral, onde a hospitalidade é rara ou perfida, aonde só descem nas feiras e para cambiar os productos. D'elles é que têm origem seitas religiosas, germen de tumultos que, de vez em quando, ensangüentam o sertão [...]. São descendémtes de portuguezes e ilhéos que, internados desde o século XVII, perderam o contacto permanente da civilização; e com essa perda aprenderam, de instinto proprio, as industrias essenciaes á vida. Vestem-se em geral de couro, da cabeça aos pés; de couro e chifre são os seus utensílios domesticos, onde guardam liquidos e solidos; alimentam-se da caça, das fructas acidas proprias dos espinheiros do deserto e da carne, e d'efita fazem a farinha com que ajudantam o leite, substitutivo freqüente da agua.⁵¹

Descrevendo o nordeste brasileiro, Ribeiro referia-se as capitânicas da Bahia e do Maranhão, delineando o terreno como propenso ao abastecedouro animal em virtude do solo árido e da pouca propensão da agricultura. A identidade negativizada associada aos nordestinos concentra-se em sua aparência física, distanciando-se da ideia de ser apenas uma identidade regional. A partir dessas premissas, a civilidade dependeria necessariamente da presença branca⁵² como forma de civilização. Dialogando com Seyferth,⁵³ a “invenção da raça” relaciona-se ao elemento sumário da ideia popular de raça, sendo a herança de sangue, ou seja, a origem que pode não se expressar na aparência física, mas justifica algumas identidades, como é o caso do nordestino. A origem africana transvestia-se assim em uma marca racial passada de forma hereditária, mesmo quando o fenótipo, isto é, a aparência era branca. Deste modo, é possível inferir que a mobilidade social, em ascensão, não apagaria as marcas mais óbvias.

Já a referência ao cristianismo como parte do caráter filantrópico brasileiro para com os africanos é um fator elencado em vários trechos da obra. Ainda que fossem considerados pagãos, bárbaros e selvagens, a moralidade brasileira teria, por diversas vezes, contribuído para a salvação dos negros no Brasil: “Se os negros não tiveram, como os índios, em favor d’elles, a voz onnipotente da igreja, tiveram ao menos o espirito christão e a caridade própria da nossa raça. Não foram entretanto raras as vozes dos bispos e dos padres jesuítas em favor da raça maldita”.⁵⁴

Nas palavras de João Ribeiro, para alguns doutores e teólogos, a escravidão parecia um castigo predestinado à raça e um benefício feito à multidão irreligiosa e perdida para a fé e para a civilização. Aqui se reproduz a antiga dicotomia civilizados e incivilizados, atribuindo-se aos europeus o caráter de ilustradores e esclarecidos:

⁵¹ *Op. cit.*, p.204.

⁵² Ver mais em Junior sobre a vinda de imigrantes europeus para ao Brasil na “resolução dos problemas da raça” como veículo “branqueador” da sociedade. Cf.: JUNIOR, Valdir Donizete dos Santos. *A trama das ideias: intelectuais, ensaios e construção de identidades na América Latina (1898-1914)*. 2013. Dissertação (Mestrado em História Social) – Programa de Pós-Graduação em História Social da Universidade de São Paulo, São Paulo, p. 195.

⁵³ SEYFERTH, Giralda. A invenção da raça e o poder discricionário dos estereótipos. *Anuário Antropológico...* *Op. cit.*

⁵⁴ RIBEIRO, João. *História do Brasil...* *Op. cit.* p.252.

Desde os primeiros tempos da colônia o sentimento da filantropia trabalha em favor dos negros. Costumes belíssimos surgiam entre os senhores; como o de apadrinhar os remissos ou fugitivos, o que impede o castigo, e nenhum senhor viola [...]. O costume de ceder um dia ou dois (sábado e domingo) ao trabalho do negro é confirmado mais tarde por lei (1700) e também o reconhecimento da propriedade privada do escravo [...]. Outro costume é o de alforrias na pia, o que se fazia com uma esportula insignificante (de 5\$ a 50\$) que nunca era recusada; esse habito era freqüente, sobretudo quando as crianças traziam a pelle mais clara[...]. A religião concedia-lhes uma parte no culto e, santos negros (S. Benedicto e N.S. do Rosario) protegiam irmandades numerosas de pretos.⁵⁵

O pensamento cristão em favor dos menos favorecidos contribuiria para tornar a escravidão mais “branda” como interpretou Pina.⁵⁶ Por sua vez, o Estado assegurava através dos livros didáticos a formação ideológica e moral de jovens por meio de seus saberes e suas práticas culturais. Cabe destacar a esse respeito a relação entre erudito e popular na perspectiva de Chartier⁵⁷ que destaca dois modelos de interpretação: um no qual o popular é visto como autônomo e independente das elites e o outro no qual o popular depende do erudito. Contudo, o grande desafio da história cultural é pensar a articulação entre os discursos e as práticas, os meios de produção e a recepção, pois além do discurso, é necessário pensar nas condições e possibilidades de cada contexto.

Embora João Ribeiro não avançasse em seus livros escolares sobre as origens da cultura, da linguagem das manifestações da religiosidade africana, em seus outros impressos, o estudioso reiterava a importância em se aprofundar os estudos sobre africanos, endossando especificamente o consagrado papel do cubano Fernando Ortiz⁵⁸ ao situar Cuba em condição similar ao Brasil colonial: “os negros importados para a agricultura tropical e para os serviços domésticos, criaram situações idênticas, cujo paralelismo desperta exame proveitoso ao estudo da civilização nacional”.⁵⁹ Do referido intelectual cubano, Ribeiro teria recebido o *Glossário de afronegrismos de Cuba*, originalmente publicado em 1924, sendo esta uma fonte de referência para identificar os vocábulos africanos na língua portuguesa.

Já na descrição das práticas mais comuns presentes nas camadas populares brasileiras, Ribeiro se ampara em dois autores para a descrição cultural das práticas e superstições dos

⁵⁵ *Op. cit.*, p.253.

⁵⁶ PINA, Maria Cristina Dantas. *Op. cit.*

⁵⁷ CHARTIER, Roger. *A força das representações... Op. cit.*

⁵⁸ Fernando Ortiz, ao lado de Melville Herskovits, W. E. B. Du Bois, Arthur Schomburg, Alain Locke, Rüdiger Bilden, Jean Price - Mars, Arthur Ramos, entre outros, foram parte de uma rede de pesquisa e de política antirracista, interessada na vida social e cultural dos povos negros e de seus descendentes nas Américas a partir de 1935. Fernando Ortiz teve um papel importante especialmente por suas pesquisas sobre relações interétnicas e, mais especificamente, em seu pioneirismo sobre o papel dos negros na história cubana. Segundo Guimarães, em 1943, durante o Primeiro Congresso Demográfico Interamericano, o cubano conseguiu o apoio unânime dos sociólogos e antropólogos presentes para criar o Instituto Internacional de Estudos Afro-Americanos, sediado na Universidad Nacional Autónoma de México (UNAM). Cf.: GUIMARÃES, Antônio Sérgio Alfredo. *A democracia racial revisitada... Op.cit.*, p. 32.

⁵⁹ RIBEIRO, João. Os africanos. *Revista da Academia Brasileira... Op. cit.* p.2.

negros através do romance *O feiticeiro* de Xavier Marques⁶⁰ ao lado de Melo Moraes⁶¹ no que tange às festas e tradições presentes na literatura e no folclore. *O feiticeiro* é uma obra que se remete a Salvador de 1878 em seus usos, costumes e práticas sincréticas religiosas, especialmente a partir da influência do misticismo africano.

Ao mencionar as contribuições africanistas ao léxico português, João Ribeiro afirma ser o “espírito é que alimenta as formas grosseiras e materiaes das palavras”.⁶² Um exemplo da crítica equivale ao uso da palavra mãe. Assim como Ortiz, Ribeiro concorda que o termo que nos é tão familiar não seja africano. Então, qual a razão da crítica haja vista que entre hispano-americanos a palavra seja tão comumente utilizada? Enquanto os jornais referiam-se a essa expressão materna como “progenitora”, o termo “mãe” foi “associado à falta de respeito e à impudícia insolente dos malcriados”.⁶³ Ainda que João Ribeiro não explique a razão, para Ortiz, a repugnância ao seu uso foi atribuída ao influxo dos negros:

Entre essa gente bárbara, promiscua e poligâmica, que só conhece a ascendencia matrilineal, não ha insulto possivel contra os Paes, sempre ignotos, e só as mães é que se endereçam todas as afrontas. Os pretos mandingas que, numerosos, foram trazidos a America, quando descompõem os brancos, costumam apoda-los de homens “sem mãe”, com o vocábulo injurioso tobaubo, que diz isso mesmo.⁶⁴

Ao mencionar exemplos de Cuba e Argentina em torno dos usos depreciativos vinculados a palavra “mãe”, Ribeiro questiona ter vindo dos africanos, “esse escrúpulo tão supersticioso e tão exagerado do respeito as mães, que enxerga em qualquer alusão do mais belo de todos os nomes uma profanação hedionda?” A explicação, segundo ele advém “dos negros ocidentaes e do sul da Africa” onde as famílias se perpetuam pela linha materna e “não há outra paternidade que a da agnação, isto é, dos tios”⁶⁵ a palavra “pai” segundo Ribeiro quase sempre foi substituída por “tio” referindo-se aos negros velhos e teria sido imprópria a tradução do romance norte-americano de “*Uncle Thomas*” por “Pae Thomaz”.

As heranças da civilização moura teriam chegado com os negros á América com palavras e plantas como tabaco e mandioca cuja origem, por muito tempo, esteve associada aos tupis. A afirmação advém de Léo Wiener ao contrariar a opinião geral, afirmando que a mandioca não teria origem tupi e nem mesmo americana, mas, na verdade, foi introduzida pelos negros, ainda que o próprio Ribeiro registrasse seu espanto a respeito. Outra observação remete-se ao uso da

⁶⁰ Francisco Xavier Marques nasceu em 1861, foi jornalista e escritor de diversos romances, ocupando ainda a cadeira 28 na Academia Brasileira de Letras, vindo a falecer em 1942.

⁶¹ Ainda que João Ribeiro não mencione a obra, *Festas e tradições populares do Brasil* foi publicado em 1888 pela editora Garnier por Melo Moraes Filho, tornou-se uma obra conhecida pela colocação do poeta no lugar dos escravizados, especificamente no contexto de Alagoas.

⁶² RIBEIRO, João. Os africanos. *Revista da Academia Brasileira... Op. cit.* p.2.

⁶³ *Idem.*

⁶⁴ *Idem.*

⁶⁵ *Ibidem*, p.3.

palavra “cachimbo” que adquiriu um novo significado nos versos: “Amanhã é sábado, pé de quiabo. Depois é domingo, pé de cachimbo [...]”. Através de Ortiz e Wiener, Ribeiro se deparou com a etimologia árabe, indicando sua ligação ao ópio, planta extensiva ao tabaco.⁶⁶

No itinerário entre árabes e negros, entre negros e americanos e entre americanos e europeus, Léo Wiener, filólogo de Harvard, também identificou que as “náguas” faziam parte do vocábulo utilizado pelos mandingas como “lagba”, “nagba” ou “nagua” cujo sentido designava os “panos higiênicos” usados por mulheres africanas. No Brasil, o uso das “anáguas” se remetia as saias usadas sob os vestidos das mulheres e em vários pontos da América o termo sofreu modificações, embora em Portugal a expressão aparecesse tardiamente, apenas a partir do século XVII. Em geral, os discursos em torno da questão da língua nacional traziam pouca ou nenhuma menção às línguas africanas. João Ribeiro, por sua vez, definiu elementos das linguagens africanas no Brasil assinalando uma série de modificações que afetaram especialmente a linguagem popular.

A nosso ver, dialogando com Hansen,⁶⁷ os interesses de João Ribeiro pela língua e pela cultura popular fazem parte de sua constante busca pela essência, pelo espírito genuinamente nacional do povo brasileiro. Nessa concepção residia sua crítica ao novo regime político e ao seu despreparo em lidar com questões ainda não resolvidas como, por exemplo, a ausência de um “espírito nacional”.

Como fator explicativo, João Ribeiro acreditava em uma “nação de mulatos” e conseqüentemente em uma unidade nacional, ao contrário do que Nina Rodrigues previa como um desequilíbrio, fruto da incapacidade de negros e índios (MUNANGA, 1999).⁶⁸ Essa observação pode ser corroborada quando João Ribeiro afirma ter sido “o negro o máximo agente diferenciador da raça mixta que no fim de dois séculos já afirmava a sua autonomia e originalidade nacional”.⁶⁹

Deste modo, é possível reconhecer parte de se desafeto, meio à polarização política comum aos movimentos emancipatórios brasileiros, através de suas últimas palavras ao se remeter à República:

Expus que sempre houve nos nossos movimentos de emancipação política duas correntes liberaes separadas: uma dos mamelucos que desde o seculo XVII almeja em suas revoluções a republica, o federalismo e mesmo o abolicionismo; outra, da sociedade colonial, latina e portugueza, que faz o constitucionalismo, o imperio e com elle a centralisação e a unidade. Esta ultima corrente tende a desaparecer da politica, pela progressão das raças nacionaes; a independencia foi para ella

⁶⁶ *Op. cit.*

⁶⁷ HANSEN, Patrícia Santos. João Ribeiro, Historiador. *Revista do Instituto Histórico... Op. cit.*

⁶⁸ MUNANGA, Kabengele. *Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra*. Rio de Janeiro - Petrópolis: Vozes, 1999.

⁶⁹ RIBEIRO, João. *História do Brasil... Op. cit.* p.115.

como que a supressão de suas fontes e d'aqui a pouco o que resta do seu subtractum, da sua base physica, terá desaparecido.⁷⁰

Como se pode inferir, Ribeiro destaca que os anseios pelas ideias liberais no Brasil estiveram presentes desde o período colonial, embora o progresso, de fato, só fosse alcançado, a partir da fundação de uma própria nação reconhecendo sua diversidade cultural e populacional. Esse pensamento do autor, inserido em uma concepção moderna nos padrões ocidentais e cristãos, reconhecia a miscigenação nesse caminho rumo ao progresso, mas amenizava o papel da escravidão, humanizada pelo "espírito cristão do brasileiro", como assinala Pina⁷¹ ao analisar a edição de *História do Brasil* de 1935.

Já para Rodrigues⁷², se Ribeiro parece acertar ao diagnosticar os problemas não enfrentados pelos republicanos, não deixa de revelar os aspectos conservadores e autoritários de seu pensamento. Suas pesquisas acerca do folclore e da filologia investiram nos contos e expressões de origem indígena e africana, mas se diluíram perante a uma tradição de matizes europeias negando assim as próprias fundações africanas e indígenas. Seu interesse em relação a eles se dava na medida em que tentava descobrir de que forma suas expressões e tradições firmavam raízes em formações mentais mais amplas que tinham como origem algum país europeu ou até mesmo a Índia.

Se por um lado a unidade almejada a partir das "raças nacionais"⁷³ é uma defesa na busca pelo fim das fragmentações e das diferenças, por outro, Ribeiro se equivoca ao dizer que o sentimento de unidade pertenceu aos adeptos da monarquia por meio da centralização e do império, desconsiderando-se assim a diversidade e os embates nos próprios movimentos de contestação e de revoltas entre abolicionistas. Apenas no capítulo *A abolição e a República*, é assinalada a vontade de Pedro II de fazer alguma coisa em favor da emancipação dos escravos. Essa ausência do protagonismo e do ativismo negro em sua luta por emancipação também é assinalada no trabalho de Pina.⁷⁴

⁷⁰ *Op. cit.*, p. 24-25.

⁷¹ PINA, Maria Cristina Dantas. *Op. cit.*, p. 124.

⁷² RODRIGUES, Rogério. Traços biográficos de João Ribeiro ou as muitas faces de João Viva a São João. *Revista de História. Op. cit.*

⁷³ A concepção de raça segundo a representação histórica de João Ribeiro saiu "cara" na análise histórica e sociológica do Brasil, haja vista que o intelectual visava justificar que a miscigenação constituiria a raça mameluca, "desmoralizada" e incapaz de constituir a República. Nesse sentido, a consciência das "limitações da raça nacional" era o passo necessário para superação do atraso brasileiro rumo a uma moderna civilização. Cf.: RODRIGUES, Elvis Hahn. *Entre as raças e o território: os projetos de nação na história do Brasil de João Ribeiro*. 2011. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, p. 98–99.

⁷⁴ PINA, Maria Cristina Dantas. *Op. cit.*

A esse respeito, Domingues⁷⁵ menciona o associativismo enquanto uma forma dinâmica e permeada por conflitos que combinavam “resistência, assimilação e (re)apropriação de ações coletivas”.⁷⁶ O Club Republicano dos Homens de Cor, de 1889, disseminou-se na imprensa, indo além do Rio de Janeiro, levando ideais sobre direitos dos cidadãos e condições de igualdade, no Jornal *A Pátria*, especialmente na figura de Anacleto de Freitas. Nas primeiras décadas republicanas, surgira ainda a Associação dos Homens de Cor, em 1921, e sem seguida o Centro Patriótico Treze de Maio em 1929. As manifestações por meio dos impressos demonstram como esses grupos se organizaram em suas sociabilidades enfrentando ainda uma série de contradições nos próprios movimentos. Nas décadas seguintes, surgiram trabalhos como *Quilombo dos Palmares* publicado por Edison Carneiro, em 1947, e, em 1959, foi publicado *Rebeliões da Senzala* por Clóvis Moura, sendo o pioneiro na abordagem dos quilombos apontados como “protestos” dos escravos e o “desgaste” do sistema escravista. Seria apenas nos anos 1950 que a historiografia apontaria a necessidade em alterar o status de passividade atribuído aos negros, contrariando a concepção harmônica entre as raças, a partir de nomes, como os de: Thales de Azevedo, Charles Wegley, Costa Pinto, Roger Bastide, Florestan Fernandes, Oracy Nogueira, Virgínia Leone Bicudo, Aniela Ginsberg e René Ribeiro.

Entretanto, o debate historiográfico onde a escrita de João Ribeiro se insere transita em meio a uma série de eventos significativos, como o final da Guerra do Paraguai, a fundação do Partido Republicano, a promulgação da lei do Ventre Livre e da entrada de modelos teóricos deterministas, além do amadurecimento de alguns institutos históricos, dos museus etnográficos e das faculdades de direito e de medicina.

A escrita de João Ribeiro o diferenciaria dos demais autores de livros didáticos por não privilegiar a periodização da História, sem desconsiderar que suas viagens, financiadas pelo Estado brasileiro, fornecem indícios sobre sua escrita, como destacou Rodrigues⁷⁷, assim como a construção de uma narrativa destacada pela influência do historicismo e pela perspectiva cultural (*Kulturgeschichte*).⁷⁸ Ribeiro teria dado destaque à participação dos populares, ou seja, dos grupos além dos grandes políticos, mas, atribuindo a classificação entre superiores e inferiores, construindo assim um perfil de nacionalidade brasileira destacando as três raças em sua originalidade. Enquanto havia uma predominância nos demais autores de livros didáticos em destacar o espírito patriota na defesa nacional, Ribeiro assegurara a divisão entre indígenas e negros.

⁷⁵ DOMINGUES, Petrônio. Cidadania por um fio: o associativismo negro no Rio de Janeiro (1888-1930). *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v.34, n.67, p. 251-281. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-01882014000100012&script=sci_abstract&tlng=pt Acesso em: 19 out. 2020.

⁷⁶ *Ibidem*, p.254.

⁷⁷ RODRIGUES, Rogério. Traços biográficos de João Ribeiro ou as muitas faces de João Viva a São João. *Revista de História*. *Op. cit.*

⁷⁸ PINA, Maria Cristina Dantas. *Op. cit.*

Ao analisarem a edição de *História do Brasil* de 1935, os trabalhos de Pina⁷⁹ e Rodrigues⁸⁰ levantam os acréscimos e alterações na narrativa de Ribeiro, especialmente no que tange à República, contudo, não foram identificadas reformulações acerca do debate racial na escrita do autor. Desse modo, os negros permanecem em sua obra didática enquanto trabalhadores, observando-se o caráter subalterno e a ausência de instrução que os mantém na condição de incivilizados. Ou seja, o iletrado é parte da construção da riqueza nacional como mão de obra inferiorizada já que é racialmente desconsiderado como civil. Por outro lado, o Estado preocupava-se em instruir, homogeneizar práticas e prescrições a uma população socialmente estabelecida e que domina a leitura e a escrita.

Conclusão

Partindo da hipótese inicial de que os impressos vinculados ao IHGB e a ABL fizeram parte de uma sociedade com ares de modernidade, mas com as dissidências do colonialismo, ressaltamos as destoantes considerações representativas sobre os negros nas escritas de João Ribeiro nos diferentes impressos. Seja em virtude das viagens à Europa, ou ainda, de intercâmbios com intelectuais que ultrapassam as fontes apresentadas, há manifestações acerca dos negros em seus impressos que não tiveram o mesmo espaço em seu livro didático. Notadamente, as finalidades dos livros didáticos e impressos se destoam. Contudo, os desvios em sua escrita contribuem para refletirmos sobre o atendimento de seu livro as exigências do programa de ensino para o qual foi adequado, bem como para o êxito de uma narrativa que se consolidou na permanência de uma passiva e reduzida participação dos negros na história brasileira.

Ao passar pelo crivo do Estado e do programa de ensino de história do Colégio Pedro II, a obra didática de Ribeiro talvez obtenha seu êxito em virtude do extensivo número de edições nas décadas seguintes. Por outro lado, as fontes não nos permitem assegurar que seus interesses, assim como seu pensamento acerca da miscigenação, foram alterados ou influenciados pelas mudanças entre os teóricos racialistas, ou pelo ativismo negro. Entretanto, a partir do diálogo entre João Ribeiro e autores supramencionados, é possível identificar que seus conhecimentos sobre vocábulos africanos sofreram forte influência de Ortiz, assim como de Wiener através da obtenção do *Glossário de afronegrismos de Cuba*. Na escrita de seu livro didático e em suas reedições, entretanto, prevalecem genericamente menções ao bantu e ao yorubá, sem que Ribeiro se delongasse a respeito. Já ao descrever aspectos culturais e religiosos dos africanos presentes nas camadas populares brasileiras, evidenciaram-se ligações aos

⁷⁹ PINA, Maria Cristina Dantas. *Op. cit.*

⁸⁰ RODRIGUES, Elvis Hahn. *Entre as raças e o território: os projetos de nação na história do Brasil de João Ribeiro*. 2011. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora.

romancistas Melo Moraes e Xavier Marques, destacando-se que os feitiços e superstições apontadas em *O feiticeiro* se aproximam dos escritos de Nina Rodrigues,⁸¹ embora aquelas fossem obras ficcionais.

A circularidade de ideias e fontes entre João Ribeiro e outros intelectuais pôde ser evidenciada neste trabalho que se dedicou a destacar este aspecto na trajetória, assim como na cultura escrita do autor, embora não signifique designá-lo ou enquadrá-lo como precursor de uma única frente teórica. Enquanto filólogo Ribeiro recebeu destaque de Nina Rodrigues que ao prefaciá-la obra *O elemento negro* o considerou o verdadeiro precursor no domínio da linguística afro-americana, como também de Arthur Ramos que em *O negro Brasileiro: ethnographia religiosa e psicanalyse* destacara ainda o caráter folclórico, além do aspecto linguístico das obras de João Ribeiro. Mencionando trechos de *A língua nacional*, publicado por Ribeiro em 1933, Arthur Ramos mencionara que a expressão “calundu” se devia a erudição do autor tendo passado dos negros aos brancos.⁸²

Acerca do debate racial nas primeiras décadas do século XX, as posições políticas e sociais de Ribeiro são notadamente controversas no que tange as teorias deterministas sobre a mestiçagem. Ainda que a reconhecesse, apresentando as razões de seus malefícios, Ribeiro demonstrara no compêndio *História da Literatura Brasileira*, de 1906,⁸³ publicado ao lado de Silvio Romero que “seria loucura exterminal-o; têm que incorporal-o”⁸⁴ se referindo aos negros escravizados. Assim, os autores demonstraram as bases da nacionalidade brasileira a partir da literatura, embora as premissas do cientificismo e do positivismo se fizessem

sem presentes.

Ainda que Ribeiro destacasse aspectos distintos das culturas e linguagens africanas manifestadas entre a cultura popular brasileira, suas evidências ocupam um reduzido espaço na narrativa de *História do Brasil*, não sendo encontrados elementos significativos de mudanças ou novas perspectivas em edições posteriores.⁸⁵ Nem sequer foram encontradas menções aos autores,

⁸¹ Indo além da aproximação de Nina Rodrigues com as teorias europeias, seu contato com a cultura e religiosidade africana forneceu uma concepção antropológica sobre suas crenças chegando a combater a ação da polícia contra o candomblé na Bahia. Cf.: COSTA, Jean Carlo de Carvalho. *Nação, raça e miscigenação... Op.cit.*, p. 259.

⁸² RAMOS, Arthur. *O negro brasileiro: ethnographia religiosa e psicanalyse*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2ª Ed.1940, p.112.

⁸³ Originalmente publicado em 1888, sem a participação de Ribeiro, pela editora Garnier, antes de se tornar um compêndio.

⁸⁴ ROMERO; RIBEIRO, João *Diccionario Grammatical... Op. cit.* p. XLV.

⁸⁵ Dialogando com Reznik, Pina afirma que as concepções de João Ribeiro perduraram por muito tempo, tornando-se uma referência para os demais autores de livros didáticos, a exemplo das literaturas analisadas entre 1930 e 1940. Cf.: PINA, Maria Cristina Dantas. *A escravidão no livro didático de história do Brasil: dois autores exemplares, 1890-1930*. 2009. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

bem como a outros documentos e fontes aqui supramencionadas na edição didática analisada. Por outro lado, esses apontamentos não nos impediram de evidenciar o reconhecimento perante aos seus pares. Como autor de livros didáticos, sua longevidade perpetuou-se por gerações de brasileiros, assim como as controversas percepções sobre a miscigenação apontadas enquanto um impasse rumo à civilização brasileira na República que se iniciara. Contudo, há que se considerar na escrita do autor, atentando-se a sua circularidade social, a especificidade de seu lugar, ora enquanto autor de livros didáticos e produtor de uma narrativa voltada ao público escolar, ora nos periódicos e grupos institucionais dos quais fez parte. Deste modo, este trabalho visou possibilitar questionamentos e indagações acerca da escrita sobre os negros no Brasil a partir das narrativas de um intelectual consagrado no gênero dos livros didáticos, bem como nas produções sobre a língua e a cultura nacionais.

Fontes

RIBEIRO, João *Diccionario Grammatical*. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 3 ed, 1906.

RIBEIRO, João. *História do Brasil* (curso superior). Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 5. ed. revista e melhorada, 1914.

RIBEIRO, João. *O elemento negro: História, folclore, linguística*. Rio de Janeiro, RJ: Editora Record, 1933.

RIBEIRO, João. Os africanos. *Revista da Academia Brasileira de Letras*, v. XXX, n. 90, p. 188-197, 1929.

Referências

CERTEAU, Michel de. *A Escrita da História*. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1982.

CHARTIER, Roger. *A força das representações: história e ficção*. (org.) ROCHA. João Cezar de Castro. Santa Catarina: Argos, 2011.

CHOPPIN, Alain. História dos livros e das edições didáticas: sobre o estado da arte. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v.30, n.3, p.549-566, 2004. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ep/a/GNrkGpgQnmdcxwKQ4VDTgNQ/?lang=pt&format=pdf> Acesso em: 20 jun. 2020.

COSTA, Jean Carlo de Carvalho. *Nação, raça e miscigenação no Brasil moderno: uma análise hermenêutica dos ensaístas da formação da nacionalidade brasileira, 1888-1928*. 2003. Tese (Doutorado em Sociologia), Programa de Pós-Graduação em Sociologia. Recife.

DOMINGUES, Petrônio. Cidadania por um fio: o associativismo negro no Rio de Janeiro (1888-1930). *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v.34, n.67, p. 251-281. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-01882014000100012&script=sci_abstract&lng=pt Acesso em: 19 out. 2020.

GUIMARÃES, Antônio Sérgio Alfredo. A democracia racial revisitada. *Afro-Ásia*, Bahia, n. 60, p. 9-44, 2019. Disponível em: <https://portalseer.ufba.br/index.php/afroasia/article/view/36247/21540> Acesso em: 31 jun. 2020.

HALL, Stuart. O ocidente e o resto: discurso e poder. *Projeto História*, São Paulo, n. 56, p. 314-361, 2016. Disponível em: <http://ken.pucsp.br/revph/article/viewFile/30023/20834> Acesso em: 22 mai. 2020.

HANSEN, Patrícia Santos. João Ribeiro, Historiador. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, Rio de Janeiro, v. 454, p. 183-208, 2012. Disponível em: <https://ihgb.org.br/revista-eletronica/artigos-454/item/108287-joao-ribeiro-historiador.html>. Acesso em 31/01/2020 Acesso em: 20 jun. 2021.

JUNIOR, Valdir Donizete dos Santos. *A trama das ideias: intelectuais, ensaios e construção de identidades na América Latina (1898-1914)*. 2013. Dissertação (Mestrado em História Social) – Programa de Pós-Graduação em História Social da Universidade de São Paulo, São Paulo.

MOURA, Clóvis. *As injustiças de Clío: o negro na historiografia brasileira*. Belo Horizonte: Nossa Terra, 1990.

MUNANGA, Kabengele. *Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra*. Rio de Janeiro - Petrópolis: Vozes, 1999.

PINA, Maria Cristina Dantas. *A escravidão no livro didático de história do Brasil: dois autores exemplares, 1890-1930*. 2009. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

RAMOS, Arthur. *O negro brasileiro: ethnographia religiosa e psycanalyse*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2ª Ed.1940.

RODRIGUES, Elvis Hahn. *Entre as raças e o território: os projetos de nação na história do Brasil de João Ribeiro*. 2011. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora.

RODRIGUES, Raimundo Nina. *Os africanos no Brasil [1932]*. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2010.

RODRIGUES, Rogério. Traços biográficos de João Ribeiro ou as muitas faces de João Viva a São João. *Revista de História*, São Paulo, v.32, n.1, p. 377- 400, 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/his/a/tH94v4LkRYwPk9xdGPMnBXv/?lang=pt&format=pdf> Acesso em: 20 jun. 2021.

SEYFERTH, Giralda. A invenção da raça e o poder discricionário dos estereótipos. *Anuário Antropológico*, Brasília, v.18, n.1, p. 175-203, 2018. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/anuarioantropologico/article/view/6581> Acesso em: 20 jun. 2020.

SIRINELLI, Jean-François. Este século tinha sessenta anos: a França dos anos sessenta revisitada. *Revista Tempo*, Rio de Janeiro, v.8, n.16, p. 13-33, 2004. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?> Acesso em: 20 jun. 2021.